

ISSN 000-0000

BOLETIM DE CONJUNTURA
**MERCADO
DE TRABALHO**

1º TRIMESTRE DE 2020

Governo do Estado da Bahia
Rui Costa

Secretaria do Planejamento – Seplan
Walter de Freitas Pinheiro

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais
da Bahia – SEI
Jorgete Oliveira Gomes da Costa

Diretoria de Pesquisas – Dipeq
Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação Editorial
Armando Affonso de Castro Neto
Luiz Fernando Araújo Lobo

Elaboração Técnica
Guillermo Javier Pedreira Etkin
Luiz Fernando Araújo Lobo
Silvânia Ferreira Conceição

Coordenação de Biblioteca e Documentação – Cobi
Normalização
Eliana Marta Gomes Silva Sousa

Editoria-geral
Elisabete Cristina Teixeira Barretto

Editoria de Arte e de Estilo
Ludmila Nagamatsu

Revisão
Calixto Sabatini

Editoração
Adir Filho

Projeto Gráfico
Nando Cordeiro

Av. Luiz Viana Filho, 4ª Av., 435, CAB.
Cep: 41.745-002. Salvador(BA)
Tel.: (71) 3115 4822 / 3115 4786 Fax.: (71) 3116 1781
www.sei.ba.gov.br
sei@sei.ba.gov.br

1º TRIMESTRE DE 2020	1
CENÁRIO ECONÔMICO	1
MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO O CAGED	3
MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO A PNADC	7
PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO	11
NOTA METODOLÓGICA	14
Pesquisa de confiança do empresariado baiano	14

1º TRIMESTRE DE 2020

Antes mesmo de estreado o ano de 2020, o entendimento, como relatado na última edição do Boletim de Conjuntura do Mercado de Trabalho, era que a reabilitação do mercado de trabalho manteria a lentidão como característica principal e que o desafio da retomada continuaria posto. A opinião, à época, sequer levou em consideração o potencial destruidor recém-desencadeado pelo tsunami de escala global originado pelo surto do novo coronavírus. Pois bem, ao longo do trimestre inaugural do ano, não somente o processo de recuperação se manteve cambaleante e lento como alguns sinais iniciais da devastação decorrentes da nova crise começaram a ser captados.

No primeiro trimestre, os indícios se revelaram nada bons, mesmo que uma parte dos indicadores de mercado de trabalho ainda não tenha sido profundamente comprometida, já que a maioria das medidas para impedir o caldo viral de entornar em terras brasileiras começou apenas na segunda quinzena de março, mês parcialmente afetado por tais providências. No entanto, hoje, sabe-se que qualquer olhar para o passado, infelizmente, se dá de um ponto de vista situado no fundo de um despenhadeiro. Esse tombo certamente será retratado quando se tornarem conhecidas todas as estatísticas do emprego do segundo trimestre do ano.

Os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) foram os principais expedientes para o exame da realidade laboral baiana neste boletim. Como será possível acompanhar ao longo do texto, as informações levantadas e as considerações erigidas sugerem que o mercado de trabalho local se desviou da rota marcada por progresso gradativo observado até o final do ano passado. Mesmo com a sobrevida de alguns indicadores no período recente, fica patente sua efemeridade diante da grande catástrofe representada pela pandemia do novo coronavírus. Assim, neste momento em que preservar a vida humana, recurso mais precioso do planeta, deve ser missão prioritária, a sensibilidade social dos gestores públicos se constitui num dos pré-requisitos para a minoração da fúria e do alcance da crise que se instala.

CENÁRIO ECONÔMICO

O primeiro trimestre não acusou uma melhora generalizada em relação ao mesmo intervalo do ano antecedente, a despeito de avanços pontuais. Segundo dados recentemente divulgados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o nível de atividade econômica do estado, em termos de Produto Interno Bruto, por exemplo, mostrou-se estável (+0,3%) no primeiro trimestre de 2020 em comparação ao mesmo período do ano anterior. Novamente, não foi desta vez que a economia baiana deslanchou. A conclusão continua a mesma: há uma morosidade persistente e deletéria.

A atividade agropecuária, após o comedido desempenho do ano passado, tende a confirmar uma produção maior este ano. A indústria, finalmente, voltou a vivenciar um cenário alentador, aproximando-se de uma rota de recuperação. O setor de comércio, por outro lado, amargou um desfecho negativo, contrariando a trajetória que vinha se apresentando. O setor de serviços, que já havia despontado com resultado negativo no final do quarto trimestre do ano passado, deu seguimento à perda de fôlego. Para rematar, o empresariado baiano voltou a perder a esperança de restabelecimento no quadro geral, de forma que o indicador de confiança demonstrou esmorecimento e voltou a apontar pessimismo no último mês do trimestre mais recente.

De maneira efetiva, conforme o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relativo ao mês de março, a estimativa para a safra baiana de grãos de 2020 apontou para uma possível expansão de 5,0% em relação ao volume do ano anterior, quando a produção totalizou 8,3 milhões de toneladas. A produção física de grãos, assim, deverá fechar o ano com aproximadamente 8,7 milhões de toneladas. Dessa forma, diante da expectativa de retração de 0,7% da área colhida, a produtividade, entendida como a relação entre produção física e área colhida, deverá se ampliar em 7,8%.

Em relação à indústria, de acordo com as informações da Pesquisa Industrial Mensal, do IBGE, a produção baiana acumulada de janeiro a março de 2020 teve uma elevação de 7,1% frente ao montante produzido no mesmo intervalo de 2019 – emendando três altas seguidas nessa base de comparação. O acréscimo no ritmo produtivo do setor ocorreu somente na indústria de transformação, a qual avançou 7,9%, sendo que, na extrativa, houve queda de 6,9% em relação ao primeiro trimestre do ano passado. No acumulado dos últimos 12 meses, o quadro foi de leve revés para o total da atividade fabril, com retração de 0,4% em relação a igual período imediatamente anterior.

O setor de serviços apresentou nova retração no trimestre mais recente. Conforme a Pesquisa Mensal de Serviços, do IBGE, o volume de serviços prestados, acumulado entre janeiro e março de 2020, em relação ao observado nos mesmos meses de 2019, exibiu uma redução de 6,8% – décima queda seguida, após três altas sucessivas na comparação interanual por trimestre móvel. No acumulado dos últimos 12 meses, a variação continuou negativa, apontando retrocesso de 3,9% no ano.

Relativamente à atividade comercial, a Pesquisa Mensal de Comércio, do IBGE, mostrou uma alteração negativa no volume de vendas do varejo baiano no primeiro trimestre de 2020 no confronto interanual, com queda de 2,4%. A comparação com o mesmo período do ano anterior apresentou o primeiro recuo após seis avanços consecutivos. No acumulado de 12 meses, frente a igual intervalo imediatamente anterior, o indicador para o volume de vendas apontou ampliação de 1,5% – completando 14 meses com resultado acima de zero nessa base de comparação.

Por fim, ao final do trimestre, conforme o Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (ICEB), calculado pela SEI, a confiança do empresariado local voltou a se situar num patamar abaixo de zero. Dentro do próprio trimestre, o movimento foi de degeneração, já que o ICEB terminou num patamar inferior ao do início – após a maior pontuação desde novembro de 2012. Em vista disso, a dinâmica de retomada da confiança dos empresários do estado, observada desde abril de 2016, quando o ICEB marcou -488 pontos, parece ter perdido fôlego ao longo do primeiro trimestre de 2020 (em janeiro, 69 pontos; em fevereiro, 55 pontos; e em março, -95 pontos), repercutindo um processo de definhamento das expectativas, assim como o ocorrido no início do ano de 2019 – só que, agora, com uma dimensão maior. Assumindo um viés de baixa e passando a indicar pessimismo, os últimos resultados do ICEB frearam o movimento mais amplo de resgate da confiança no meio empresarial baiano iniciado há mais de três anos e abalaram a crença de que o otimismo se torne predominante nos próximos meses.

MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO O CAGED

De acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, na Bahia, no primeiro trimestre de 2020, o saldo de empregos com carteira assinada foi negativo, indicando uma perda líquida de 3.676 postos¹. Mensalmente, no entanto, apenas o mês de março apurou mais desligamentos que admissões, evidenciando uma dissolução de 12.922 postos. Os meses de janeiro e fevereiro testemunharam resultados positivos, de 2.176 e 7.070 novos postos, respectivamente – insuficientes, entretanto, para impedir a rescisão líquida de contratos formais de trabalho ao final do período. Além do mais, em termos de saldo, cada um dos três meses iniciais deste ano evidenciou um desempenho inferior ao do mês correspondente de um ano antes.

O saldo de empregos com registro em carteira, por outro lado, foi positivo para o país como um todo no primeiro trimestre de 2020, com 108.825 postos a mais. No entanto, vale ressaltar, nem todas as regiões geraram postos de trabalho. No Nordeste, com perda líquida de 55.927 empregos celetistas, houve supressão de postos. O Sul, com o aparecimento de 95.047 novas vagas, registrou a maior geração líquida. Das unidades da Federação, apenas em nove houve encerramento líquido. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com decréscimo de 3.676 oportunidades ocupacionais, ficou na 21ª posição, uma colocação acima da verificada no trimestre anterior. Entre os estados nordestinos, apenas três obtiveram resultado positivo. A Bahia ficou com o sexto pior desempenho regional, enquanto Pernambuco (-25.015 postos) e Ceará (+6.116 postos) exibiram o menor e o maior saldo do Nordeste no período, respectivamente.

A Bahia, em termos de médias móveis de 12 meses, abarcando os registros do primeiro trimestre, já experimentou 28 saldos médios positivos de empregos formais² – circuito iniciado em dezembro de 2017. Antes disso, porém, foram 33 resultados mensais ininterruptos sem surgimento líquido de oportunidades ocupacionais. O intervalo de geração, no entanto, sequer exibiu a mesma amplitude do período de supressão de postos. Assim, mesmo experimentando momentos menos dramáticos, o mercado de trabalho baiano em nenhum momento ratificou um ciclo amplo e enraizado de restabelecimento – seguindo, desde o pior momento da conjuntura recente, em junho de 2016, quando da perda líquida média de 7.384 postos, apenas um itinerário paulatino de reabilitação³.

1 Conforme a Secretaria Especial de Previdência e Trabalho (SEPRT), seguindo um cronograma de implantação com término em novembro de 2021, as obrigações de prestação de informações pelo empregador através do sistema Caged vêm sendo substituídas pelo Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (eSocial). A fim de assegurar a qualidade e a integridade das estatísticas do emprego formal e evitar lacunas decorrentes de falta de prestação da informação ou de inconsistências causadas por migrações de sistemas, a SEPRT vem se utilizando do método de imputação e compatibilização de dados de outras fontes, dando origem ao que se convencionou chamar de novo Caged – mas que aqui, por praticidade, continuará sendo identificado simplesmente como Caged. No futuro, quando todas as empresas estiverem desobrigadas a declarar o Caged, o eSocial será a única fonte de dados a alimentar o novo Caged.

2 Ao longo do texto, no que se associa ao contexto do Caged, o termo emprego formal se refere à relação empregatícia com contrato de trabalho regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

3 Dado as diferenças metodológicas e as distintas naturezas de captação existentes entre o Caged e o eSocial, faz-se importante destacar que a SEPRT considera que as mudanças em curso iniciaram uma nova série de dados do mercado de trabalho formal e, por isso, não recomenda a comparação com períodos anteriores ao ano de 2020. Aqui, a comparação foi mantida, deixando expostos os alertas. Outra observação a se levar em conta diz respeito ao fato de as declarações fora do prazo remanescentes do ano de 2019 (as que não se encontram mais em curso de recebimento) ainda não terem sido disponibilizadas.

Numa circunscrita retrospectiva, a geração média de postos em 2019 foi marcada por muitos altos e baixos, sendo as quedas mais numerosas que os avanços – diferentemente, portanto, do observado em 2018, quando a trajetória de resultados positivos se mostrou nitidamente crescente, apesar de algumas descaídas e de um patamar médio inferior. O ano de 2019, assim, encerrou-se com um saldo médio muito próximo ao do fechamento de 2018, ampliando a suspeição quanto à intensidade da restauração até então – mesmo após a chancela, em junho, do melhor resultado dos últimos 63 meses, com uma geração média de 3.308 postos (Gráfico 1). Assim, caso repetisse em 2019 o ritmo da restauração constatado em 2018, a recuperação experimentada pelo mercado de trabalho baiano provavelmente não carregaria a pecha de um percurso arrastado e sem tração para o ano de 2020. Para completar o retrospecto pouco favorável, o primeiro trimestre deste ano evidenciou três recuos em sequência. Os primeiros meses do ano, particularmente, não só ajudaram a confirmar a lentidão do processo de regeneração como, provavelmente, selaram o seu fim – visto que o cenário para os meses subsequentes, como já se sabe, abarcará uma grave crise.

Gráfico 1

Evolução do saldo de empregos formais por média móvel de doze meses – Bahia – Abr. 2018-mar. 2020



Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

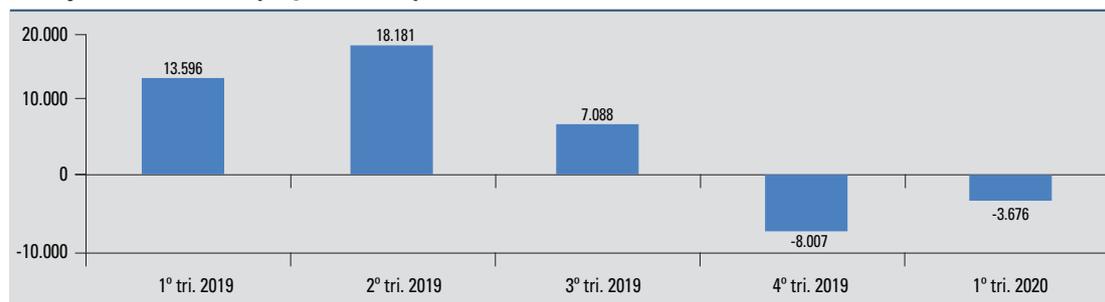
Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020; ii) em 2020, excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo; e iii) ajustes remanescentes dos meses de janeiro a dezembro de 2019 não disponibilizados.

Em 2020, até março, foram eliminados 3.676 postos na Bahia, o que representou uma diminuição de aproximadamente 0,2% no estoque de 1.712.710 empregos com carteira assinada existente quando se iniciou o ano – minando, assim, o entusiasmo quanto ao processo de reabilitação vivenciado nos anos de 2018 e 2019, quando emergiram 30.746 e 30.858 novos postos, nessa ordem. Com esse resultado ficou mais difícil neutralizar as perdas dos anos de crise, quando quase 150 mil postos celetistas foram encerrados – especificamente 76.090 e 73.067 postos em 2015 e 2016, respectivamente.

O conjunto dos três primeiros meses deste ano no estado, ao evidenciar contração do nível de emprego, exibiu o primeiro decréscimo para o período desde o constatado em 2017 – o alento, entretanto, fica por conta de uma eliminação líquida menor agora do que a verificada àquela época, quando 5.252 contratos com carteira assinada foram rescindidos. Como exposto pelo Gráfico 2, o saldo trimestral mais recente anunciou o segundo resultado negativo seguido,

já que o derradeiro trimestre de 2019 amargou uma perda líquida de 8.007 postos. Um ano antes, porém, o cenário era diferente, com o mercado de trabalho baiano comemorando uma eclosão de 13.596 novas vagas.

Gráfico 2
Evolução do saldo de empregos formais por trimestre – Bahia – 1º tri. 2019-1º tri. 2020



Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020; ii) em 2020, excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo; e iii) ajustes remanescentes dos meses de janeiro a dezembro de 2019 não disponibilizados.

O encolhimento do mercado de trabalho formal baiano no primeiro trimestre não atingiu todos os estratos setoriais, sendo que houve surgimento líquido de postos em dois deles⁴. Nesse aspecto, entretanto, a situação se revelou mais desfavorável do que a do mesmo trimestre do ano anterior, quando quatro setores abriram mais vagas do que fecharam. Além do mais, desta vez, em termos de saldo, nenhuma das cinco atividades exibiu um desempenho melhor do que há um ano. O comparativo com o intervalo imediatamente antecedente, por outro lado, desnuda uma situação menos deteriorada, visto que no último trimestre de 2019 apenas um setor havia apontado saldo positivo, enquanto três setores revelaram resultado líquido pior (Tabela 1)⁵.

Em uma avaliação setorial, a *Indústria geral*, com geração líquida de 1.224 postos de trabalho no trimestre inaugural de 2020, destacou-se com o desempenho mais proeminente. O setor de *Agropecuária* (+800 postos) foi outro com resultado positivo. Em contrapartida, conforme se pode acompanhar pela tabela abaixo, os setores de *Comércio* (-3.547 postos), *Serviços* (-3.147 postos) e *Construção* (-1.227 postos) tiveram dispensa líquida de trabalhadores no citado intervalo na Bahia⁶.

4 Em sintonia com o IBGE na divulgação das estatísticas da PNADC, a SEPRT passou a adotar uma nova classificação de atividades econômicas, derivada da agregação das seções da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0). No entanto, a fim de diminuir o número de estratos e de otimizar a análise das estatísticas de emprego formal, as seções foram agrupadas em atividades semelhantes, culminando em cinco grandes categorias: *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura*; *Indústria geral*; *Construção*; *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas*; e *Serviços*.

5 O grupamento de atividade denominado *Indústria geral* subdivide-se em quatro seções: Indústrias extrativas; Indústrias de transformação; Eletricidade e gás; e Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação. Enquanto isso, o de *Serviços* possui 14 desagregações: Transporte, armazenagem e correio; Alojamento e alimentação; Informação e comunicação; Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; Atividades imobiliárias; Atividades profissionais, científicas e técnicas; Atividades administrativas e serviços complementares; Administração pública, defesa e seguridade social; Educação; Saúde humana e serviços sociais; Artes, cultura, esporte e recreação; Outras atividades de serviços; Serviços domésticos; e Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais.

6 Por praticidade, houve simplificação de algumas classificações. Os grupamentos *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura* e *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* foram denominados simplesmente como *Agropecuária* e *Comércio*, nessa ordem.

Tabela 1**Saldo de empregos formais por grupamento de atividade econômica, por trimestre – Bahia – 1º tri. 2019/4º tri. 2019/1º tri. 2020**

Grupamento de atividade econômica	1º tri. 2019	4º tri. 2019	1º tri. 2020
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	1.419	-4.559	800
Indústria geral	2.680	-3.654	1.224
Construção	5.734	-3.812	-1.227
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	-2.878	6.625	-3.547
Serviços	6.641	-2.607	-3.147
Ajustes não discriminados	-	-	2.221
Total	13.596	-8.007	-3.676

Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020; ii) em 2020, o saldo do primeiro trimestre não conta com as declarações fora do prazo, as quais se encontram reunidas sob a rubrica Ajustes não discriminados; e iii) ajustes remanescentes dos meses de janeiro a dezembro de 2019 não disponibilizados.

Quanto à distribuição intraestadual, no primeiro trimestre deste ano, a Região Metropolitana de Salvador (RMS) e o interior experimentaram encerramento líquido de vagas, diferentemente do ocorrido um ano antes, quando tal fato não ocorreu em qualquer uma das regiões – expondo, portanto, uma conjuntura mais favorável à época, tanto para uma quanto para a outra (Tabela 2). Enquanto na RMS foram dispensados 2.001 empregados com registro em carteira no trimestre mais recente, no interior, o resultado foi de 1.675 postos a menos. Em comparação com o trimestre imediatamente antecedente, quando oportunidades também foram suprimidas nas duas regiões, o cenário atual se mostrou menos deteriorado em ambas.

Ao longo dos três meses iniciais do ano de 2020, como visto, a supressão líquida de empregos formais na Bahia (-3.676 postos) foi influenciada principalmente pelo desempenho negativo da RMS (-2.001 postos), já que o interior (-1.675 postos) registrou uma perda líquida de postos menos expressiva, o que colocou aquela instância geográfica como epicentro da perda de dinamismo do mercado de trabalho formal no território baiano nesse princípio de ano.

Tabela 2**Saldo de empregos formais entre RMS e interior, por trimestre – 1º tri. 2019/4º tri. 2019/1º tri. 2020**

Área geográfica	1º tri. 2019	4º tri. 2019	1º tri. 2020
Bahia	13.596	-8.007	-3.676
RMS	5.123	-2.121	-2.001
Interior	8.473	-5.886	-1.675

Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020; ii) em 2020, excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo; iii) ajustes remanescentes dos meses de janeiro a dezembro de 2019 não disponibilizados; e iv) a RMS engloba os municípios de Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Pojuca, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Simões Filho e Vera Cruz (Lei nº 13.468/2015).

O saldo negativo de 3.676 empregos formais na Bahia, observado no primeiro trimestre, foi proveniente de 144.557 admissões e 148.233 desligamentos. Em relação ao mesmo trimestre do ano antecedente, as admissões recuaram e os desligamentos aumentaram – aquelas em 7,1% (11.081 admitidos a menos) e estes em 4,4% (6.191 desligados a mais). Pelo visto, a perda de dinamismo do mercado de trabalho baiano no trimestre mais recente decorre tanto do recuo das contratações quanto do aumento das dispensas, com aquele tendo um peso maior do que este. Se, por um lado, a apatia na reposição de quadros – representada aqui pelo recuo nas admissões e pelo menor patamar de contratações para um primeiro trimestre desde 2010 – denuncia maiores dificuldades em se alocar e realocar, por outro, o montante

de deposições – num quantitativo acima dos observados nos primeiros trimestres dos últimos dois anos – aponta que a tarefa em se manter em uma vaga também enfrenta atribuições⁷.

MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO A PNADC

Conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, sintetizados na Tabela 3, a desocupação na Bahia atingiu 18,7% da população na força de trabalho no primeiro trimestre de 2020. O resultado em questão representou a maior taxa trimestral de desocupação desde o início da pesquisa⁸. Na RMS e na capital baiana, a desocupação ficou em 18,9% e 17,5%, respectivamente – valores que se situam como a sétima e a terceira maior taxa de cada série correspondente.

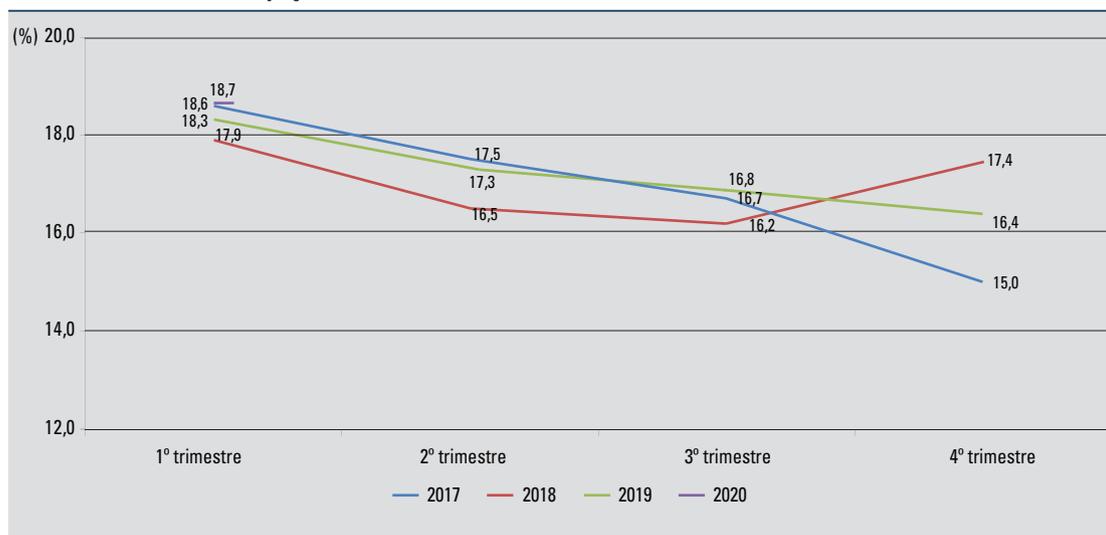
A Bahia persistiu com uma taxa de desocupação superior às do Brasil (12,2%) e do Nordeste (15,6%) no primeiro trimestre de 2020. A Região Nordeste, por sinal, permaneceu com a mais alta taxa entre as regiões brasileiras, ficando a Região Sul com a menor (7,5%). Entre as unidades da Federação, a Bahia exibiu a mais elevada taxa – fato repetido pela quarta vez em sequência. Amapá (17,2%) foi o estado com a segunda maior taxa no período, e Santa Catarina (5,7%) apresentou a menor. Na Bahia, portanto, a referida taxa foi mais do que o triplo da observada em Santa Catarina. Nesse tema, Salvador apresentou a segunda maior taxa entre as capitais, e a RMS exibiu a mais elevada entre as regiões metropolitanas.

A taxa de desocupação no estado reduziu-se seguidamente ao longo do ano passado e recuou 1,9 ponto percentual quando se comparam os índices do primeiro e do quarto trimestres. Entretanto, após um ano com três quedas sucessivas, chegando a 16,4% no último trimestre, a referida taxa voltou a subir e aumentou 2,3 pontos percentuais no início deste ano – suplantando, assim, a redução alcançada durante o ano de 2019 (Gráfico 3). Tal dinâmica não chega a ser surpresa, já que reflete um comportamento próprio do mercado de trabalho baiano em início de ano, tendo sido observado em todos os anos da série. No entanto, por conta da magnitude, não se pode descartar a hipótese de que essa guinada altista tenha sido, em parte, resultante dos efeitos preliminares da crise sanitária do novo coronavírus. Nesse contexto, toda a perspectiva de reabilitação nutrida nos últimos meses começou a perder sentido. Em relação ao mesmo conjunto de meses de 2019, quando o indicador foi estimado em 18,3%, também houve crescimento, com a taxa mais recente ficando 0,4 ponto percentual acima.

7 No boletim deste trimestre, os subtópicos que tratam das formas de movimentação no mercado de trabalho, dos saldos de empregos formais por faixas de salário mínimo e dos salários médios de admissão e de desligamento não foram explorados por ausência de informações, lacuna provavelmente temporária já que a captação das estatísticas do emprego formal se encontra em transição. A SEPRT, por sua vez, garantiu que o conteúdo será mantido, visto que o eSocial não somente capta todas as informações que constam no Caged como possui uma maior cobertura.

8 A PNADC foi implantada em caráter definitivo em janeiro de 2012.

Gráfico 3
Taxa trimestral de desocupação – Bahia – 2017-2020



Fonte: IBGE – PNADC.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020.

O nível da ocupação em território baiano diminuiu no comparativo com o trimestre imediatamente antecedente e também em relação ao de um ano antes – chegando ao menor valor da série⁹. Dessa forma, o percentual de pessoas de 14 anos ou mais de idade ocupadas caiu para 47,3%, ao passo que havia sido de 48,5% e 47,7% no quarto e no primeiro trimestre de 2019, respectivamente. A taxa de participação, por sua vez, sofreu pequena variação, ficando em 58,0% no intervalo mais recente – alta de 0,2 ponto percentual frente ao trimestre imediatamente antecedente e queda de 0,1 ponto percentual em comparação com o primeiro trimestre de 2019¹⁰.

No trimestre analisado, o mercado de trabalho baiano foi marcado por redução na ocupação e aumento da desocupação. A população ocupada foi estimada em 5,700 milhões, representando um recuo de 0,4% (-24 mil pessoas) em contraponto ao mesmo período do ano passado e de 1,9% (-109 mil) comparativamente ao trimestre anterior. A população desocupada foi calculada em 1,311 milhão de indivíduos, maior quantitativo já registrado na série – indicando uma alta de 14,9% (+170 mil) frente à do quarto trimestre e de 2,3% (+29 mil) em relação à do mesmo trimestre de um ano antes.

Assim sendo, em relação ao registrado há um ano, a eliminação de postos de trabalho (-24 mil) ao tempo em que ocorria a entrada de indivíduos na força de trabalho (+5 mil) terminou por pressionar para cima o contingente de desocupados (+29 mil). A elevação da taxa de desocupação em um ano na Bahia, como se vê, foi influenciada tanto pelo recuo do número de ocupados quanto pelo aumento do montante de pessoas procurando por trabalho.

9 O nível da ocupação diz respeito ao percentual de ocupados em relação às pessoas em idade de trabalhar.

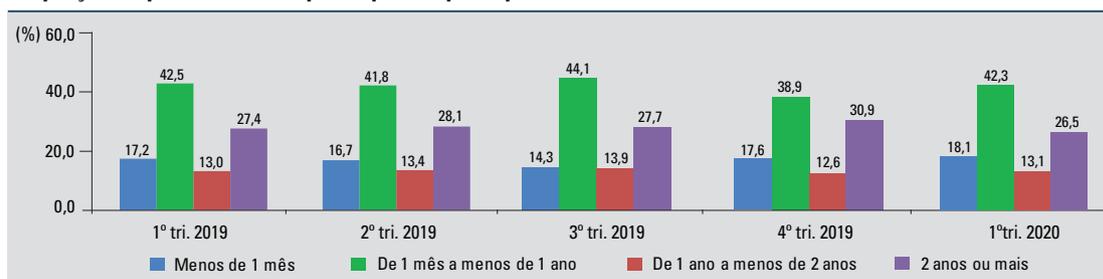
10 A taxa de participação se refere ao percentual de pessoas na força de trabalho em relação àquelas em idade de trabalhar.

A queda da ocupação em território baiano decorreu exclusivamente da redução do número de informais, já que o de formais aumentou. Enquanto o primeiro trimestre contabilizou 3,016 milhões de informais, o trimestre imediatamente antecedente e o de um ano antes tinham registrado correspondentemente 3,115 milhões e 3,186 milhões de ocupados na informalidade. O grau de informalidade no mercado de trabalho baiano, dessa forma, recuou no comparativo com os trimestres de referência. No primeiro trimestre de 2020, entre os ocupados, 52,9% eram considerados informais, ao passo que, no primeiro e no último trimestre de 2019, eram 54,4% e 54,8%, respectivamente. No Brasil como um todo, 39,9% dos trabalhadores se encontravam alocados na informalidade no início deste ano.

A despeito do aumento de desocupados na margem, o tempo de permanência na desocupação mostrou recuo na Bahia, constituindo-se em alento num cenário repleto de desafios. A parcela de pessoas sem ocupação e procurando por trabalho durante um ano ou mais passou de 43,5% para 39,6% do quarto trimestre de 2019 ao primeiro trimestre deste ano – especificamente, a porção de desocupados entre um e dois anos aumentou e aquela por dois anos ou mais se reduziu, visto que passou de 12,6% e 30,9% para 13,1% e 26,5%, respectivamente (Gráfico 4). Ainda assim, um dado preocupante, já que aproximadamente quatro em cada dez desocupados se encontravam há pelo menos um ano nessa condição no trimestre mais recente, ou seja, quase 40,0% enfrentavam o drama do desemprego de longa duração. Em um ano também houve redução, já que essa parcela estava em 40,4% à época.

De janeiro a março deste ano, entre os desocupados baianos, 18,1% (237 mil) procuravam ocupação há menos de um mês; 42,3% (554 mil), entre um mês e menos de um ano; 13,1% (172 mil), entre um ano e menos de dois anos; e 26,5% (347 mil) buscavam há pelo menos dois anos. Na Bahia, portanto, 519 mil (ou 39,6%) pessoas vivenciavam um quadro de desemprego duradouro à época – o que correspondia a 11,1% do contingente nessa circunstância em território brasileiro (4,689 milhões de pessoas).

Gráfico 4
Proporção de pessoas desocupadas por tempo de procura de trabalho – Bahia – 1º tri. 2019-1º tri. 2020



Fonte: IBGE – PNADC.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020.

Apesar da alta no índice de desocupação em um ano na Bahia, a taxa composta da subutilização da força de trabalho decresceu, passando de 40,4% para 39,9% do primeiro trimestre de 2019 para o trimestre mais atual – um encolhimento, portanto, de 0,5 ponto percentual e o quinto maior registro da série¹¹. No Brasil, a taxa ficou em 24,4% no período retratado. Assim como há um ano, a Bahia exibiu a terceira maior taxa de subutilização entre as unidades federativas.

¹¹ A taxa composta da subutilização da força de trabalho retrata a relação entre o grupo dos desocupados, subocupados por insuficiência de horas trabalhadas e força de trabalho potencial e o grupo delimitado pela força de trabalho ampliada (que é a soma da força de trabalho com a força de trabalho potencial).

Em relação ao quarto trimestre do ano passado, quando o referido indicador registrou 39,0%, houve alta de 0,9 ponto percentual. Atualmente, 3,230 milhões de pessoas de 14 anos ou mais se encontram na condição de subutilizadas na Bahia.

O montante de desalentados em terras baianas no primeiro trimestre deste ano foi de 778 mil pessoas, o terceiro maior da série¹². Assim, houve aumento de 10 mil (+1,3%) indivíduos nessa condição em um ano e de 4 mil (+0,5%) ao levar-se em consideração o quarto trimestre de 2019. Trata-se do maior contingente populacional de desalentados do país, constatação que se repete desde o início da pesquisa. Atualmente, a Bahia concentra 16,3% da população desalentada brasileira (4,770 milhões). O percentual de pessoas desalentadas em relação à população na força de trabalho ou desalentada no estado ficou em 10,0% no primeiro trimestre de 2020, o quarto maior registro da série histórica.

Considerando os grupamentos de atividade econômica, após um ano, o número de pessoas ocupadas diminuiu em seis do total de dez setores. No caso, o encolhimento do nível de emprego foi maior em *Transporte, armazenagem e correio* (-20,3%) e *Alojamento e alimentação* (-13,9%); e relativamente menor em *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* (-7,6%), *Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas* (-3,3%), *Serviços domésticos* (-3,1%) e *Construção* (-1,2%). Em compensação, a ocupação cresceu nos setores *Outros serviços*¹³ (+12,3%), *Administração pública, defesa, seguridade, educação, saúde humana e serviços sociais* (+8,7%), *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura* (+7,5%) e *Indústria geral* (+5,8%).

Com base na PNADC, em sua edição trimestral, o rendimento médio real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, no primeiro trimestre de 2020, na Bahia, foi estimado em R\$ 1.659 – o maior registro de toda a série. Em relação ao mesmo intervalo de 2019, quando o rendimento médio real estava em R\$ 1.583, houve alta de 4,8%. Num comparativo com o trimestre anterior, quando o valor estava em R\$ 1.620, ocorreu uma variação positiva de 2,4%. A massa de rendimento real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas foi estimada em R\$ 9,137 bilhões – elevação de 0,4% frente à do trimestre imediatamente antecedente, de R\$ 9,105 bilhões, e de 4,0% num comparativo com a do mesmo período do ano passado, cujo valor havia sido de R\$ 8,782 bilhões.

12 Os desalentados são aqueles fora da força de trabalho que estavam disponíveis para assumir um trabalho, mas não tomaram providência para conseguir trabalho no período de referência de 30 dias por pelo menos uma das seguintes razões: a) não ter conseguido trabalho adequado; b) não ter experiência profissional ou qualificação; c) não haver trabalho na localidade; ou d) por ser considerado muito jovem ou idoso.

13 O grupamento ocupacional *Outros serviços*, baseado na Classificação Nacional de Atividades Econômicas Domiciliar, engloba três seções: Artes, cultura, esporte e recreação; Outras atividades de serviços; e Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais.

Tabela 3**Síntese das principais informações da PNADC – Bahia – 1º tri. 2019/4º tri. 2019/1º tri. 2020**

Indicador	Estimativa			Variação	
	1º tri. 2019	4º tri. 2019	1º tri. 2020	1º tri. 2020/ 4º tri. 2019	1º Tri. 2020 / 1º Tri. 2019
Taxa de desocupação	18,3%	16,4%	18,7%	2,3 p.p.	0,4 p.p.
Nível da ocupação	47,7%	48,5%	47,3%	-1,2 p.p.	-0,4 p.p.
Taxa de participação na força de trabalho	58,3%	58,0%	58,2%	0,2 p.p.	-0,1 p.p.
Taxa composta de subutilização da força de trabalho	40,4%	39,0%	39,9%	0,9 p.p.	-0,5 p.p.
Taxa de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas	15,7%	15,5%	14,7%	-0,8 p.p.	-1,0 p.p.
Percentual de desalentados (1)	9,9%	10,0%	10,0%	0,0 p.p.	0,1 p.p.
Grau de Informalidade	54,4%	54,8%	52,9%	-1,9 p.p.	-1,5 p.p.
População em idade de trabalhar	12.009 mil	11.989 mil	12.042 mil	0,4%	0,3%
População na força de trabalho	7.006 mil	6.950 mil	7.011 mil	0,9%	0,1%
Ocupados	5.724 mil	5.809 mil	5.700 mil	-1,9%	-0,4%
Subocupados por insuficiência de horas trabalhadas	897 mil	903 mil	836 mil	-7,4%	-6,8%
Desocupados	1.282 mil	1.141 mil	1.311 mil	14,9%	2,3%
População fora da força de trabalho	5.003 mil	5.039 mil	5.031 mil	-0,2%	0,6%
População na força de trabalho potencial	1.092 mil	1.097 mil	1.083 mil	-1,3%	-0,8%
Desalentados	768 mil	774 mil	778 mil	0,5%	1,3%
População subutilizada	3.271 mil	3.141 mil	3.230 mil	2,8%	-1,3%
Rendimento médio real habitual	R\$ 1.583	R\$ 1.620	R\$ 1.659	2,4%	4,8%
Massa de rendimento real (2)	R\$ 8.782	R\$ 9.105	R\$ 9.137	0,4%	4,0%

Fonte: IBGE – PNADC.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020.

(1) Trata-se do percentual de pessoas desalentadas em relação à população na força de trabalho ou desalentada.

(2) Estimativa apresentada em milhões de reais.

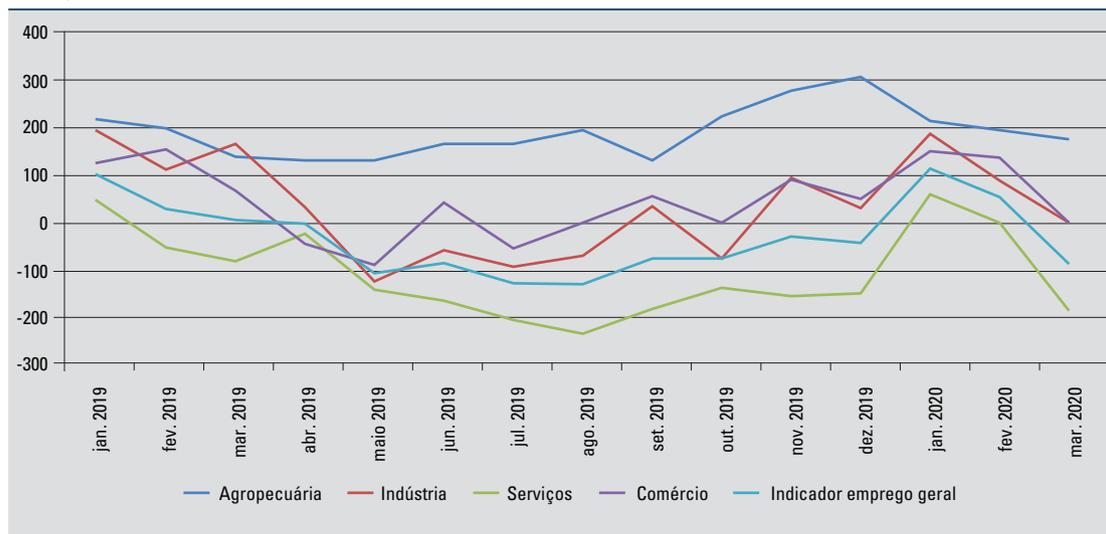
PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO

A Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano sonda as expectativas dos empresários de diversos setores sobre os mais variados temas, dentre os quais a inclinação à contratação futura de trabalhadores. Construído a partir das respostas do empresariado da Bahia em relação aos planos de abrir, manter ou encerrar vagas, o Indicador de Expectativas para Emprego (IEE) voltou a ser negativo em março deste ano – mas isso após dois meses seguidos com valor acima de zero.

Após o mês de janeiro, quando atingiu 114 pontos, maior patamar desde março de 2013, o referido indicador entrou em rota de declínio, com o mês de fevereiro marcando 54 pontos e o de março registrando -89 pontos. O trimestre em questão, assim, a despeito da reviravolta altista nos dois primeiros meses, encerrou-se com retrocesso frente ao valor do término de 2019 e com a menor pontuação desde agosto do ano passado. Dessa forma, o resultado mais recente voltou a sugerir certa apatia nas intenções de contratações em curto e médio prazos.

Em relação ao desfecho do trimestre imediatamente antecedente, além do mais, a piora do indicador quanto ao emprego se manifestou de forma generalizada (Gráfico 5). O grupamento *Serviços* terminou no pior patamar entre os setores – aliás, única atividade com pontuação abaixo de zero ao final do trimestre. Na outra ponta, o setor *Agropecuária* revelou o maior nível de confiança em relação às contratações futuras, único setor em que o otimismo se mostrou presente. As atividades *Indústria* e *Comércio*, ao assinalarem zero ponto em março, evidenciaram um perspectiva de indiferença.

Gráfico 5
Evolução do Indicador de Expectativas para Emprego por setor de atividade – Bahia – Jan. 2019-mar. 2020

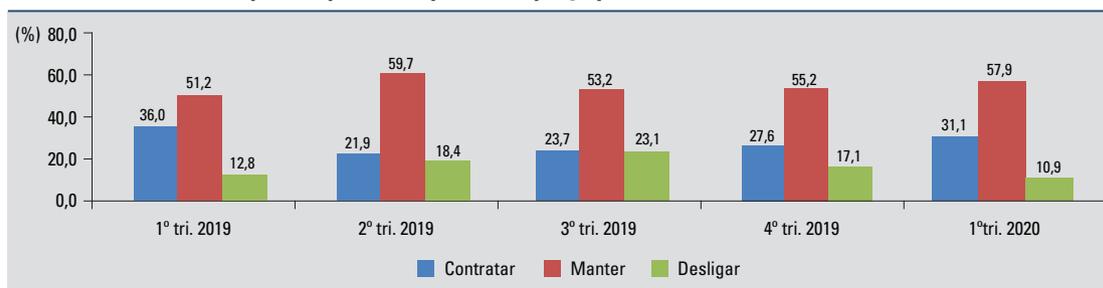


Fonte: SEI – Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano.
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020.

No que diz respeito ao nível esperado de contratações futuras, na média do trimestre, 57,9% dos empresários planejam manter a quantidade atual de trabalhadores, 31,1% cogitam contratar e 10,9% dos entrevistados pretendem promover o desligamento de empregados (Gráfico 6). Pontualmente, após duas reduções seguidas, a distância entre a proporção das empresas com intenção de dilatar o quadro de pessoal e a das que preveem comprimir aumentou pela segunda vez em sequência, com aquela se tornando ainda maior do que esta na passagem de um trimestre para outro, assumindo agora uma porção quase três vezes maior.

Conforme o gráfico abaixo, o intento do setor produtivo baiano de enxugar o quadro de funcionários recuou pela segunda vez sucessiva, atingindo o menor patamar da série recente. O fito de admitir, por sua vez, avançou pelo terceiro trimestre consecutivo, mas ainda expôs um percentual abaixo do exibido no começo do ano passado. De resto, a perspectiva empresarial de manter o quantitativo de empregados voltou a se ampliar, depois de já ter se expandido no intervalo imediatamente antecedente. Com resultados mais alvissareiros do que os do término do ano, os sinais que indicam esperança por uma recuperação do mercado de trabalho ganharam corpo no horizonte¹⁴.

Gráfico 6
Percentual médio de respostas quanto ao quesito emprego por trimestre – Bahia – 1º tri. 2019-1º tri. 2020



Fonte: SEI – Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano.
 Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020.

¹⁴ Levando-se em conta que a economia e, por tabela, o mercado de trabalho se encontram diante de uma quebra violenta e brusca, com choques vindos tanto da oferta quanto da demanda, o que dificulta a modelagem em capturar uma perturbação com tais características, optou-se por não apresentar a projeção do emprego formal neste boletim. Além do mais, outro obstáculo surge pela redução da comunicabilidade entre os pontos da série por conta das mudanças promovidas na forma de captação dos dados do Caged.

NOTA METODOLÓGICA

PESQUISA DE CONFIANÇA DO EMPRESARIADO BAIANO

A fim de monitorar o nível de confiança do setor produtivo do estado mensalmente, a Pesquisa de Confiança do Empresário Baiano efetua a produção contínua e sistemática de indicadores. O principal deles é o ICEB, Indicador de Confiança do Empresariado Baiano.

Realizada diretamente com federações, associações e sindicatos patronais representativos dos segmentos empresariais do Estado, a técnica de coleta utiliza um questionário com doze perguntas de cunho qualitativo e que versam sobre temas relacionados ao contexto macroeconômico (Inflação, Juros, PIB Nacional e PIB Estadual) e ao desempenho das empresas (Vendas, Crédito, Câmbio, Capacidade Produtiva, Situação Financeira, Emprego, Exportação e Abertura de Unidades).

Fruto de uma amostragem não-probabilística intencional, a Pesquisa conta, atualmente, com mais de cem entidades representativas dos setores produtivos do estado. A cobertura setorial da Pesquisa abrange quatro setores: Agropecuária; Indústria; Serviços; e Comércio.

Para chegar ao indicador geral é necessário, primeiramente, mensurar as respostas qualitativas do questionário. Atribui-se valor 1.000 para a resposta mais otimista; 500 para a resposta confiante; zero para a intermediária; -500 para aquela não confiante; e -1.000 para a mais pessimista. Desta maneira, é possível calcular indicadores por questão, tema e setor, sendo o ICEB fruto de uma média dos indicadores de confiança setoriais ponderados pelo valor adicionado de cada atividade no PIB.

O valor do ICEB e dos demais indicadores podem variar de -1.000 a 1.000. Dentro desse intervalo, quanto mais próximo de -1.000, maior o pessimismo associado. Em sentido contrário, mais perto de 1.000, maior o otimismo. O zero pode ser interpretado como ponto de indiferença.

Para efeitos ilustrativos, a Pesquisa trabalha com uma escala de grau de otimismo dividida em intervalos, a qual possibilita classificar o resultado conforme seu enquadramento: *Grande Pessimismo*, de -1.000 a -500; *Pessimismo*, de -500 a -250; *Pessimismo Moderado*, de -250 a zero; *Otimismo Moderado*, de zero a 250; *Otimismo*, de 250 a 500; e *Grande Otimismo*, de 500 a 1.000. Os valores de fronteira pertencem à zona imediatamente anterior, com o zero como ponto de orientação.

Escala do ICEB



